

BILL BRYSON

REGRESSO À  
PEQUENA ILHA

Aventuras de Um Americano  
em Terras de Sua Majestade

TRADUÇÃO DE  
SOFIA GOMES



BERTRAND EDITORA  
Lisboa 2017

## CAPÍTULO UM

Que se lixe Bognor!



Antes de lá ir pela primeira vez, mais ou menos tudo o que eu conhecia de Bognor Regis, além da sua grafia, era que um qualquer monarca inglês, em determinada altura no passado, num momento de amargura no leito de morte, exclamou «Que se lixe Bognor!» imediatamente antes de expirar, embora qual monarca e por que motivo o seu último desejo ao deixar a Terra era ver uma estância costeira inglesa de médias dimensões lixada sejam perguntas a que nunca soube responder.

O monarca, aprendi entretanto, era o rei Jorge V, e consta que em 1929 viajou para Bognor a conselho do seu médico, Lorde Dawson de Penn, segundo o qual um pouco de ar marítimo fresco e puro o ajudaria a recuperar de uma grave afeção pulmonar. Que Dawson achasse que o melhor tratamento era mudar de ares talvez seja um sintoma da sua mais flagrante qualidade como médico: incompetência. Dawson era com efeito tão famoso pela sua inépcia clínica que se compôs uma quadra em sua honra. Dizia assim:

*Lorde Dawson of Penn  
has killed lots of men.  
So that's why we sing  
God save the King.<sup>1</sup>*

O rei escolheu Bognor não por sentir algum afeto especial pelo lugar, mas porque um amigo abastado de nome Sir Arthur du Cros possuía lá uma mansão, Craigweil House, que pôs à disposição do rei para seu uso pessoal. Craigweil era, em todos os aspetos, um retiro feio e desconfortável e o rei não gostava nada da casa, mas o ar do mar fez-lhe de facto bem e ao fim de uns meses estava capaz de regressar a Londres. Se partiu com ternas recordações de Bognor, não o contou a ninguém.

Seis anos depois, quando o rei piorou e se encontrava às portas da morte, Dawson assegurou-lhe timidamente que em breve estaria suficientemente bem para voltar a fazer umas férias em Bognor. «Que se lixe Bognor!», terá respondido o rei, falecendo de seguida. A história é quase sempre considerada ficção, mas um dos biógrafos de Jorge V, Kenneth Rose, defende que pode muito bem ser verdadeira e até condiz com o carácter do rei.

Com base na curta permanência do rei, Bognor apresentou uma petição para que a palavra «Regis» fosse acrescentada ao seu topónimo e em 1929 assim aconteceu; curiosamente, a sua elevação suprema e o início do seu declínio terminal datam precisamente do mesmo período.

Tal como a maior parte da Grã-Bretanha litoral, Bognor já viu melhores dias. Em tempos que já lá vão, grupos de pessoas bem vestidas acorriam à cidade para passar fins de semana descontraídos. Bognor tinha um Teatro Real, um grandioso Pavilhão com

---

<sup>1</sup> Lorde Dawson de Penn/matou muitos homens./É por isso que cantamos/Deus salve o Rei. (*N. da T.*)

a que se dizia ser a melhor pista de dança do sul da Inglaterra e uma muito estimada, e adequadamente batizada, Kursaal, onde ninguém se curava de nada mas os frequentadores podiam patinar ao som de uma orquestra residente e em seguida jantar sob palmeiras gigantescas. Hoje, tudo isso já passou à história.

O pontão sobrevive em Bognor, mas por um triz. Outrora media 300 metros de comprimento, mas proprietários sucessivos não acharam nada melhor do que irem-lhe cortando fatias sempre que viam estragos causados por incêndios ou tempestades, de modo que hoje não passa de uma extensão de noventa metros que nem chega a entrar no oceano. Durante anos, Bognor foi o cenário de um encontro anual de homens-pássaros em que os concorrentes tentavam levantar voo do pontão utilizando uma diversidade de invenções caseiras — bicicletas com foguetes presos aos lados e coisas do género. Quase sempre os concorrentes perfaziam distâncias irrisoriamente curtas e caíam à água, mas com o encurtamento do pontão passaram a cair sobre a areia e os seixos, de forma mais preocupante do que divertida. O concurso foi cancelado em 2014 e parece ter encontrado palco permanente uns quilómetros mais abaixo, em Worthing, onde os prémios são melhores e o pontão fica de facto sobre a água.

Na tentativa de reverter o longo e suave declínio de Bognor, em 2005 o Arun District Council formou o Grupo de Trabalho para a Regeneração de Bognor Regis, com o objetivo de conseguir um investimento de 500 milhões de libras para a cidade. Conforme se foi tornando claro que nada a essa escala lhes seria alguma vez concedido, o montante foi humildemente reduzido, primeiro para 100 milhões e depois para 25 milhões de libras. Também este último montante se revelou demasiado ambicioso. Acabou por ficar decidido que uma soma mais realista rondaria o zero. Quando se verificou que o seu objetivo já fora cumprido, o grupo de trabalho desfez-se, dando a sua missão por terminada. Hoje, tanto quanto sei, tudo o que as autoridades estão a fazer por Bognor é apenas mantê-la viva, como um doente sob respiração assistida.

Mas apesar disso tudo, Bognor não está tão mal como isso. Tem um longo areal com um passeio marítimo curvo em cimento e um centro compacto e organizado, talvez mesmo próspero. No interior, a pouca distância do mar, há um refúgio arborizado chamado Hotham Park, com trilhos serpenteantes, um pequeno lago onde se pode andar de barco e um caminho de ferro de brincar. Mas isso, deve dizer-se, é tudo. Se formos à Internet pesquisar o que há para fazer em Bognor Regis, Hotham Park é a primeira coisa que aparece. A segunda atração sugerida é uma loja que vende *scooters* de mobilidade.

Caminhei até ao mar. Uma boa quantidade de pessoas deambulava por ali a gozar o sol. Íamos ter um belo verão e já naquele momento, às dez e meia da manhã, se percebia que o dia ia ser, pelos padrões ingleses, abrasador. O meu plano original era seguir junto ao mar para oeste até Craigweil, na esperança de ver onde o rei ficara alojado, mas essa esperança frustrou-se quando me disseram que Craigweil fora destruída em 1939 e que no seu lugar se ergue agora um bairro social. De modo que fui antes para leste, percorrendo a marginal no sentido de Felpham, porque era para aí que praticamente todas as pessoas iam e presumi que elas sabiam o que estavam a fazer.

De um lado ficava a praia e um mar claro, cintilante, do outro uma fileira de belas moradias modernas, todas cercadas por muros altos para preservar a sua intimidade de nós, os do passeio marítimo... Os proprietários, porém, não tinham resolvido o problema óbvio que é um muro destinado a impedir os que estão do lado de fora de espreitar lá para dentro também impedir os que estão lá dentro de ver o que está lá fora. Se os ocupantes daquelas casas elegantes quisessem ver o mar, tinham de ir até à varanda, mas assim ficavam expostos aos nossos olhares. Víamos tudo o que se passava com eles — se estavam bronzeados ou pálidos, se estavam a beber uma bebida fresca ou quente, se eram leitores de tabloides ou do *Telegraph*. As pessoas das varandas fingiam não se importar com isso, mas via-se que estavam incomodadas. Afinal, seria pedir

muito. Tinham de fingir que as suas varandas os tornavam invisíveis aos nossos olhos e também que nós éramos, de qualquer modo, uma parte tão acessória do panorama que nem sabiam que estávamos lá em baixo a olhar. Ora isso era muito fingir.

À laia de teste, tentei estabelecer contacto visual com as pessoas das varandas. Sorri como se estivesse a dizer «Cucu, estou a vê-los!», mas elas viravam-se sempre para o outro lado, como se não estivessem a olhar para mim, mas sim absortas num ponto no horizonte longínquo, em geral na vizinhança de Dieppe ou talvez Deauville. Às vezes acho que deve ser um pouco cansativo ser inglês. Seja como for, pareceu-me óbvio que nós, os do passeio marítimo, saíamos a ganhar, pois podíamos ver o mar em qualquer altura sem precisarmos de subir a lado nenhum e nunca precisávamos de fingir que ninguém nos estava a ver. Melhor ainda, ao fim do dia podíamos meter-nos no carro e ir para um sítio qualquer que não fosse Bognor Regis.

O meu plano, depois de Bognor, era apanhar um autocarro e ir pelo litoral até Brighton. Estava secretamente entusiasmado com a ideia. Não conhecia essa extensão da costa e depositava nela grandes esperanças. Tinha imprimido um horário e selecionei cuidadosamente o autocarro das 12:19 como o melhor para o que eu queria, mas ao vaguear rumo à paragem, convencido de que ainda me restavam alguns minutos, vi com consternação o meu transporte a partir, para lá de uma nuvem de fumo negro. Levei um minuto a descobrir que o meu relógio não estava certo, tinha a pilha moribunda, claro. Com meia hora para matar antes do autocarro seguinte, entrei numa joalheria onde um homem carrancudo olhou para o relógio e disse que a substituição da pilha por uma nova me custaria 30 libras.

— Mas paguei praticamente isso pelo relógio! — protestei.

— Talvez seja por isso que ele não funciona — respondeu, devolvendo-mo com majestosa indiferença.

Aguardei, para verificar se ele tinha mais alguma coisa a dizer, se existia dentro dele o mínimo interesse em ajudar-me a ter horas certas no relógio e, possivelmente, a contribuir para o seu negócio. Não existia.

— Bem, não se incomode — declarei. — Vejo que está muito ocupado.

Se agradeceu o meu instinto de não incomodar, não o demonstrou. Encolheu os ombros e assim terminou a nossa relação.

Eu estava com fome, mas agora faltavam apenas vinte minutos para o autocarro seguinte, de modo que, em nome da pressa, entrei num McDonald's. Estava-se mesmo a ver. É que tenho uma história pessoal com o McDonald's, compreendem. Um dia, há muitos anos, após um magnífico dia em família, parámos num McDonald's, respondendo aos gritos de um banco traseiro cheio de netos a suplicar uma refeição pouco saudável, e encarregaram-me de fazer o pedido. Após a cuidadosa consulta de todos os elementos do grupo — éramos aí uns dez, em dois carros — reuni os pedidos nas costas de um sobrescrito e dirigi-me ao balcão.

— Ora bem — disse, firme, ao jovem empregado quando chegou a minha vez. — Queria cinco *Big Macs*, quatro *cheeseburgers* de 125 gramas, dois batidos de chocolate...

Nesse instante, alguém foi dizer-me que uma das crianças queria *nuggets* de frango em vez do *Big Mac*.

— Desculpe — disse e voltei ao início. — Afinal são *quatro Big Macs*, quatro *cheeseburgers* de 125 gramas, dois batidos de chocolate...

Foi então que alguém me puxou pela manga a participar-me que queria um batido de morango e não de chocolate.

— Está bem — respondi, regressando ao jovem empregado —, sendo assim são *quatro Big Macs*, quatro *cheeseburgers* de 125 gramas, *um* batido de chocolate, um batido de *morango*, três *nuggets* de frango.

E assim por diante, comigo a ditar e de vez em quando a corrigir, o longo e complexo pedido do grupo.

Quando a comida chegou, o jovem apresentou-me uns onze tabuleiros com trinta a quarenta sacos de alimentos em cima.

— Que é isto? — perguntei.

— O seu pedido — replicou ele e leu-mo de novo junto à caixa registadora. — Trinta e quatro *Big Macs*, vinte *cheeseburgers* de 125 gramas, doze batidos de chocolate... — Acontece que, em vez de emendar os meus pedidos de cada vez que eu recomeçava, ele limitara-se a aumentá-los.

— Eu não pedi vinte *cheeseburgers* de 125 gramas, pedi quatro *cheeseburgers* de 125 gramas cinco vezes.

— Vem a dar no mesmo — respondeu.

— Não vem nada a dar no mesmo. Não acredito que seja assim tão estúpido.

Duas das pessoas na fila atrás de mim tomaram o partido do jovem.

— Pediu isso tudo, sim senhor — disse uma delas.

O gerente apareceu e olhou para o talão.

— Aqui diz vinte *cheeseburgers* de 125 gramas — anunciou, como se tivesse descoberto uma arma com as minhas impressões digitais.

— Eu sei o que diz aí, só que não foi isso que eu pedi.

Um dos meus miúdos mais velhos decidiu ir ver o que se passava. Expliquei-lhe o que tinha acontecido e ele meditou judiciosamente sobre a matéria, concluindo que, bem vistas as coisas, a culpa era minha.

— Não acredito que sejam todos tão estúpidos — declarei a um público entretanto constituído por umas dezasseis pessoas, algumas delas recém-chegadas, mas já contra mim. A minha mulher acabou por aparecer e levar-me dali agarrando-me pelo cotovelo, como a vi muitas vezes fazer quando conduzia doentes psiquiátricos renitentes. Resolveu a questão de forma amigável com o gerente e o empregado, levou dois tabuleiros para a mesa

ao fim de uns trinta segundos e proibiu-me de voltar a entrar num McDonald's, sozinho ou acompanhado.

E agora ali estava eu no McDonald's outra vez, a primeira desde a altercação anterior. Jurei portar-me bem, mas o McDonald's é simplesmente demais para mim. Pedi uma sanduíche de frango e uma *Diet Coke*.

— Quer com batatas fritas? — perguntou o jovem que me atendeu.

Hesitei uns instantes e, num tom de sofrimento mas também paciência, respondi:

— Não. Por isso é que não pedi batatas fritas, não sei se está a ver.

— Mandam-nos perguntar.

— Quando eu quero batatas fritas, em geral, digo qualquer coisa como: também queria batatas fritas, se faz favor. É o sistema que eu uso.

— Mandam-nos perguntar — repetiu.

— Quer saber que outras coisas não quero? A lista é bastante longa. De facto é tudo o que vocês servem exceto as duas coisas que pedi.

— É que mandam-nos perguntar — voltou a repetir, mas numa voz mais ameaçadora, e depositou os meus dois pedidos num tabuleiro, desejando-me, sem a mínima sombra de sinceridade, um bom dia.

Percebi que provavelmente o McDonald's ainda não era para mim.

O autocarro de Bognor Regis para Brighton via Littlehampton é anunciado como Coastliner 700, o que lhe dá um ar eficiente e chique, talvez até movido a turbo. Imaginei-me sentado, provavelmente muito acima do solo, rodeado de conforto e ar condicionado, num assento estofado a veludo de algodão, gozando a vista para o mar resplandecente e a ondulante paisagem rural

através de vidros levemente fumados, daqueles com uma cor tão sutil que nos apetece perguntar ao passageiro que vai ao nosso lado: «Este vidro é suavemente colorido ou Littlehampton é sempre assim azulada?»

Na verdade, o autocarro que chegou, ofegante, não apresentava nenhuma dessas características. Era um autocarro de um só piso pouco espaçoso e pouco arejado com arestas metálicas duras e bancos de plástico moldado. O tipo de viatura que poderíamos esperar se nos fossem transferir de uma prisão para outra. Mas por outro lado era barato — quatro libras e quarenta até Hove, menos do que eu pagara por uma cerveja em Londres na noite anterior.

Mesmo assim, sentia-me cautelosamente entusiasmado, pois estava prestes a passar por uma sucessão de pequenas e, esperava, encantadoras localidades: Littlehampton, Goring-by-Sea, Angmering, Worthing, Shoreham. Na minha imaginação, eram daquelas aldeias felizes retratadas nos livros da *Ladybird* da década de 1950 — a rua principal ladeada por acolhedores salões de chá e lojas com toldos às riscas de cores vivas, a vender moínhos de papel e bolas de praia, e pessoas a passear empunhando cones com globos de gelado amarelo. Mas durante a maior parte do tempo — uma hora bem medida ou mais — nunca nos aproximámos do mar nem sequer de alguma comunidade identificável. Em vez disso, seguimos por uma interminável confusão suburbana com vias rápidas e autoestradas de dois sentidos, passando apenas por superlojas (eis um dos termos menos corretos da moderna vida britânica), postos de abastecimento, parques de carros em segunda mão e toda a fealdade vital da nossa era. Um passageiro anterior tinha deixado umas revistas caras na bolsa do assento ao lado do meu e peguei numa num momento de curiosidade e tédio. Tratava-se de uma daquelas revistas com um título despropositadamente enfático — *Hello!, OK!, Now!, What Now!, Not Now!* — e as chamadas de capa pareciam todas remeter para celebridades do sexo feminino que tinham ganho muito

peso recentemente, embora eu não achasse nenhuma das que vi propriamente elegantes antes dessa fatalidade. Não fazia ideia de quem nenhuma delas era, mas as suas vidas davam uma leitura fascinante. O meu artigo preferido — talvez seja mesmo o meu material impresso preferido de todos os tempos — dizia respeito a uma atriz que se vingara do seu irresponsável parceiro mandando-lhe a conta de um rejuvenescimento vaginal no valor de sete mil e quinhentas libras. Ora a isso é que eu chamo vingança. Mas expliquem-me só o que se ganha com um rejuvenescimento vaginal? *Wi-fi?* Sauna? Lamentavelmente, o artigo não especificava.

Não consegui parar de ler. Dei por mim absorto nas vidas sumptuosamente mal geridas de celebridades cujo denominador comum era terem cérebros diminutos, seios gigantescos e um gosto por estabelecer relações lastimosas. Mais adiante, no mesmo exemplar, deparei com o interessante cabeçalho: «Não mate o seu bebé só para ser famosa!» Era um conselho dado por Katie Price (uma sócia da modelo Jordan, cá para mim) a uma candidata a estrela de nome Josie. A senhora Price não é meiga nas palavras. «Ouve lá, ó Josie», escrevia ela. «Acho que és nojenta. Aumentar as mamas e fazer um aborto não te vai tornar famosa!» Embora dos pontos de vista intelectual e emocional me sentisse inclinado a concordar com Katie nesse particular, o artigo fez-me pensar que Josie era a prova viva do contrário.

As fotografias de Josie mostravam uma jovem com seios que pareciam balões e lábios que lembravam aquelas barreiras flutuantes usadas para contenção de derramamentos de petróleo. Segundo o artigo, ela esperava «o terceiro filho em dois meses», o que, convenhamos, é uma taxa de natalidade notável até para uma natural de Essex. O artigo contava que Josie estava tão dececionada por ir ter outro rapaz e não a menina há tanto desejada que voltara a fumar e a beber em sinal de protesto contra o seu sistema reprodutor. Estava até a pensar em fazer um aborto, razão pela qual a senhora Price saltara tão emotivamente em

cima dela. O artigo mencionava de passagem que Josie estava a estudar propostas de contratos de duas editoras. Se uma delas for a minha, irei pessoalmente deitar fogo ao seu escritório.

Detesto parecer um velho, mas estas pessoas são famosas porquê? Que qualidades possuem elas capazes de lhes granjear a estima do mundo? Podemos à partida eliminar talento, inteligência, beleza e charme da equação, portanto resta o quê? Pés pequenos, bem-feitos? Hálito fresco, mentolado? Não me lembro de mais nada. Anatomicamente, muitas delas nem são exatamente humanas. Muitas têm nomes que sugerem terem vindo de uma galáxia distante: Ri-Ri, Tulisa, Naya, Jai, K-Pez, Chlamydia, Toss-R, Mor-On (destas deve haver bastantes). Enquanto leio a revista, uma voz não se cala dentro de mim, a voz do *trailer* de um filme de série B dos anos 50 a dizer: «Vieram do Planeta Imbecill!»

Venham de onde vierem, hoje há montes delas. Para ilustrar o meu ponto de vista, um pouco depois de Littlehampton, um jovem de calças descaídas com um andar arrastado e extático entrou no autocarro e sentou-se à minha frente. Usava um boné de baseball vários números acima do seu. Só as orelhas espetadas impediam que ele lhe tapasse os olhos. A pala do boné parecia ter sido achatada por um rolo compressor e ainda exibía a etiqueta com o preço, semelhante a um holograma. Atravessando a testa em letras maiúsculas lia-se a palavra «OBEDECER». Os auscultadores enviavam ondas de um som retumbante ao magnífico vazio interestelar do seu crânio, buscando o distante e árido átomo que era o seu cérebro. Devia ser um pouco como a busca do bosão de Higgs. Se pegássemos em todos os jovens do sul da Inglaterra com bonés daqueles e andares daqueles e os juntássemos todos numa sala, o QI obtido nem para um pobre de espírito dava.

Mudei para a segunda revista, *Shut the Fuck Up!* Nesta, fiquei a saber que Katie Price talvez não fosse o modelo de sabedoria que até então eu presumira que ela fosse. Aqui levavam-nos numa visita guiada à vida sentimental esplendorosamente ampla

da senhora Price. Incluía três casamentos e sete outros compromissos, empenhados mas breves — e isso era só um fragmento recente da sua atarefada existência. Todas as relações da senhora Price eram estupendamente insatisfatórias, mas sobretudo a última. Casara com um tipo chamado Kieran, cujo principal talento, creio, era a capacidade de fazer com que o seu cabelo ficasse de pé de várias e interessantes formas. Não muito depois de eles se instalarem na mansão de Katie, com 1100 assoalhadas, Katie descobriu que Kieran andava na brincadeira com a sua melhor (agora ex-melhor, presumo) amiga. Como se isso não bastasse (e no mundo da senhora Price é muito pouco o que basta), descobriu que uma outra grande amiga andava a fazer experiências com Kieran. A senhora Price ficou, como se compreende, furiosa. Acho que provavelmente tínhamos à nossa frente o Palácio de Buckingham do rejuvenescimento vaginal.

Virando a página, encontrei um texto comovente sobre um casal chamado Sam e Joey, cujos talentos sinceramente não consegui identificar. Fiquei com interesse em saber se alguém conseguiu. Sam e Joey eram, claro, muito bem-sucedidos, pois andavam à procura de uma propriedade grande no Essex — «de preferência um castelo», afirmava um amigo. Foi nessa altura que reparei que o meu cérebro estava a pingar para cima das páginas, de modo que pus a revista de lado e preferi contemplar a paisagem suburbana que se desfraldava diante da minha janela.

Pouco a pouco, contra minha vontade e com muitos movimentos espasmódicos da cabeça, caí no mais profundo dos sonos.

Acordei sobressaltado e dei por mim em local incerto. O autocarro parara ao lado de um jardim público, retangular, verde e cheio de pessoas. Estava limitado em três lados por pequenos hotéis e edifícios de apartamentos e o quarto dava para o mar. Era muito bonito. Logo a seguir à minha janela, e até à saída do parque, havia uma rua pedonal que também me pareceu

convidativa. Talvez aquilo fosse Hove. Tinha ouvido dizer que Hove era muito atraente. Desci rapidamente do autocarro e dei umas voltas por ali, tentando descobrir como havia de fazer para saber onde estava. Não podia chegar ao pé de uma pessoa e perguntar «Desculpe, onde estou?», de modo que continuei a passear até dar com um painel informativo segundo o qual eu estava em Worthing.

Explorei a rua pedonal, designada Warwick Street, tomei um chá e depois fui até à frente marítima, dominada por um parque de estacionamento com muitos andares feio como tudo. Dá vontade de perguntar o que passou pela cabeça dos urbanistas. «Olhem, tive uma ideia. Em vez de pormos belos hotéis e blocos de apartamentos frente ao mar, 'bora aí construir um parque de estacionamento gigantesco e sem janelas. Assim atrairemos multidões!» Pensei em fazer o resto do caminho até Brighton a pé, mas depois verifiquei que o que via lá muito ao longe era a própria Brighton e a distância não devia ser pequena — mais de doze quilómetros, segundo o meu fiável mapa do Ordnance Survey e isso era consideravelmente mais do que me apetecia fazer a pé nesse momento.

Apanhei então um outro autocarro, em tudo idêntico ao primeiro, e retomei a viagem estrada fora. O passeio começou de forma bastante prometedora, mas a estrada marginal não tardou a transformar-se numa longa faixa de depósitos de sucata, lojas de materiais de construção, oficinas de automóveis e por último um posto de abastecimento gigante, já quando nos dirigíamos a Shoreham. Apanhámos um engarrafamento de trânsito devido a obras na estrada e voltei a adormecer.

Acordei em Hove, precisamente onde queria ir, e saí do autocarro ao meu habitual modo cambaleante e apressado. Tinha lido há pouco tempo, por acaso, a vida de George Everest, o homem que deu nome ao monte Everest, e soube que ele estava

sepultado no cemitério da igreja de St. Andrew em Hove, de modo que pensei visitar o seu túmulo. Antes de ler sobre o velho George, nunca me tinha interessado por saber de onde vinha o nome da montanha. Acontece que nunca devia ter sido escolhido. Para já, o homem nunca o viu. As montanhas, na Índia ou em qualquer outro sítio, não tinham praticamente desempenhado papel algum na sua vida.

Everest, nascido em 1790 em Greenwich e filho de um advogado, estudou em escolas militares em Marlow e Woolwich, após o que foi despachado para o Oriente, onde se tornou topógrafo. Em 1817, foi enviado para Hyderabad para trabalhar como subchefe numa empresa designada Great Trigonometrical Survey. O objetivo do projeto era medir o arco da longitude da Índia como forma de determinar a circunferência da Terra. Era a obra da vida de um indivíduo curiosamente obscuro chamado William Lambton. Quase tudo sobre Lambton é incerto. O *Oxford Dictionary of National Biography* diz que nasceu algures entre 1753 e 1769 — gama de possibilidades de impressionante vastidão. Onde cresceu não se sabe, tal como não se conhecem outros dados sobre o início da sua vida e a sua educação. A única coisa de que há certeza é que em 1781 entrou para o exército, foi para o Canadá topografar a respetiva fronteira com os Estados Unidos e em seguida destacaram-no para a Índia. Aí, teve a ideia de medir o arco. A isso se dedicou exaustivamente durante cerca de vinte anos antes de morrer de repente no norte da Índia em 1823 — embora se desconheça onde, quando e de quê. George Everest mais não fez do que concluir o projeto. O que foi importante, mas nada teve que ver com os Himalaias.

Fotografias de Everest no fim da vida mostram um rosto sorumbático cercado quase completamente por barba e cabelos brancos. A vida na Índia não o tratou muito bem. Viveu lá vinte anos, mais ou menos sempre adoentado, sofrendo de febre tifoide e acessos crónicos de febre de Yellapur e diarreia. Passou longos períodos em casa de baixa médica. Regressou para

sempre à Inglaterra em 1843, muito antes de a montanha ser batizada. É praticamente a única montanha asiática com um nome inglês. Os cartógrafos britânicos eram de uma maneira geral extremamente escrupulosos quanto à preservação de designações nativas, mas o monte Everest tinha na região uma diversidade de nomes — Deodhunga, Devadhunga, Bairavathan, Bhairavlangur, Gnalthamthangla, Chomolungma e outras —, de modo que não havia uma por que pudessem optar. Era comum os britânicos chamarem-lhe Pico XV. Ninguém na época fazia ideia de que aquela era a montanha mais alta do mundo e, por conseguinte, merecedora de atenção especial, portanto quando alguém pôs o nome Everest no mapa não o fez como um gesto solene. Seja como for, o estudo trigonométrico foi considerado muito pouco rigoroso, pelo que Lambton e Everest morreram tendo alcançado muito pouco.

George Everest, por sinal, não pronunciava o seu nome *Ev-er-rest*, como toda a gente hoje faz, mas *Eve-rest* — apenas duas sílabas — pelo que a montanha, além de ser mal batizada, é também mal pronunciada. Everest morreu aos 76 anos nos Hyde Park Gardens, em Londres, mas foi de carroça para Hove, onde o enterraram. Ninguém sabe porquê. Não tinha nenhuma ligação à cidade ou a outra localidade do Sussex. Fiquei maravilhado por o ponto mais alto do mundo ter o nome de um homem que nada tinha que ver com ele e cujo nome nem sequer pronunciavam corretamente. Acho esplêndido.

St. Andrew's é uma igreja impressionante, grande e cinzenta, com uma torre escura e quadrada. No portão, há uma tabuleta grande na qual se lê: «Bem-Vindo à Igreja de St. Andrew's», mas os espaços onde deveriam figurar o nome do vigário, o horário das missas e o telefone da sacristia estavam em branco. Três grupos de mendigos ocupavam o adro, a beber e a gozar o calor do sol. Dois tipos do grupo mais próximo discutiam acaloradamente qualquer coisa, mas não percebi o quê. Investiguei as lápides, mas a maioria das inscrições mostrava uma degradação

profunda, quanto à legibilidade. O túmulo de Everest estava exposto à aragem salgada de Hove havia quase cento e cinquenta anos, de modo que achei pouco provável ter sobrevivido de forma identificável. Um dos dois acalorados levantou-se para ir fazer chichi contra o muro. Enquanto o fazia, de repente reparou em mim e aos gritos, por cima do ombro perguntou-me, num tom vagamente hostil, se procurava alguma coisa.

Respondi que estava à procura do túmulo de um homem chamado George Everest. Foi com espanto que o ouvi responder, de um modo bastante erudito:

— Ah, fica logo ali. — E indicou com a cabeça umas lápides a poucos metros de onde eu me encontrava. — Deram o nome dele ao monte Evereste, mas ele nunca o viu, não sei se sabe.

— Sim, foi o que li.

— Filho da mãe — retorquiu, com alguma ambiguidade, e tratou de reacondicionar a pilinha dentro das calças com um ar satisfeito.

E assim terminou o meu primeiro dia de turista na Grã-Bretanha. Parti do princípio de que pelo menos alguns dos seguintes seriam melhores.